

CURTINDO A LIBERDADE: OS *OTAKUS* E SUA RELAÇÃO COM O BAIRRO ORIENTAL

Victor Eiji Issa¹

RESUMO:

Os personagens centrais deste artigo são os *otakus*, que podem ser descritos como fãs aficionados por *mangás* e *animes*. Eles passam boa parte de seu tempo entretidos com estes elementos (além de alguns outros) da cultura pop japonesa. Tal vínculo exerce influência sobre sua visão de mundo e sobre o modo como agem em seu cotidiano. O foco central desta discussão será a relação existente entre indivíduos ou grupos de pessoas que se consideram *otakus* e o bairro da Liberdade, famoso por ser um ponto da cidade de São Paulo que, ao longo de décadas, construiu – e ainda mantém – uma imagem associada ao Oriente. Com base nos conceitos de *mancha* e de *pedaço*, busco traçar um quadro analítico que me permita apresentar uma etnografia desta relação.

Palavras-Chave: *Animes e Mangás; Antropologia Urbana; Bairro da Liberdade; Otakus.*

Introdução

O que se deve perguntar a respeito de uma piscadela burlesca ou de uma incursão fracassada aos carneiros não é qual é o seu status ontológico. Representa o mesmo que pedras de um lado e sonhos do outro – são coisas deste mundo. O que devemos indagar é qual a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho (Clifford Geertz, 1989).

¹ Mestrando do PPGAS (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) da Universidade de São Paulo.

Olhemos estas imagens:



À esquerda vemos Urahara, personagem de *Bleach*, um dos animes de maior sucesso entre os *otakus* paulistanos. No centro, a foto da entrada de uma loja localizada na Galvão Bueno, uma rua do bairro da Liberdade. E, na foto da direita, vemos um rapaz – um *otaku* –, que conheci num evento de fãs de mangás e animes, o *Anime Friends 2011*.

O leitor pode estar se perguntando: qual é a relação entre estas imagens?

Atentemos para um elemento que aparece em todas elas: o chapéu com listras verdes. Trata-se da marca registrada de Urahara. E, devido ao grande sucesso atingido pela série no qual este personagem aparece, passou a ser um dos itens mais vendidos entre os fãs deste anime. Item este que – como vários outros – é encontrado principalmente (no caso de certos itens deveríamos dizer exclusivamente) no bairro da Liberdade.

Este chapéu listrado é um exemplo que ilustra como a tarefa de entender a relação que os *otakus* têm com esta região da cidade de São Paulo exige a compreensão de todo um contexto simbólico, que envolve uma série de fatores, desde a importância que os mangás e animes (que geralmente são produzidos no Japão) têm para um *otaku* até o modo como foi sendo construída e ainda se mantém uma imagem que busca associar o bairro da Liberdade ao Oriente.

Se pensarmos neste exemplo da forma como Geertz, nos sugere na epígrafe citada, podemos entender melhor a relação que ele expressa. Ao utilizar o clássico exemplo das piscadelas, o autor cita a diferença entre um tique involuntário e uma piscadela conspiratória: só é possível perceber a diferença entre elas se pensarmos o ato de piscar não como um simples movimento, um elemento isolado, mas se o tomarmos como algo que transmite uma

informação, que só é inteligível em relação a todo o contexto no qual está inserido. Da mesma forma, é impossível compreender o que este chapéu significa para certas pessoas sem antes ter ideia daquilo que considero um “vínculo especial” que um *otaku* cria com o universo dos mangás e animes. Vínculo este que nos permite compreender também a importância que o bairro da Liberdade tem para estes sujeitos.

A Liberdade é famosa pela notável presença de elementos que buscam associá-la ao Oriente. Neste bairro encontram-se inúmeros equipamentos (como por exemplos, os restaurantes e lojas especializadas na venda de produtos japoneses, chineses e coreanos) e estruturas físicas (lembremo-nos de sua decoração no estilo oriental) que o fazem ser conhecido como o “Bairro Oriental”. Os *animes* e *mangás* são produções japonesas, que cada vez mais – por meio da internet –, vem fazendo sucesso entre os jovens brasileiros. Estes dois fatores, em conjunto, nos ajudam a entender como este bairro passou a ser o principal ponto da cidade onde são comercializadas tais produções, além de uma série de artigos a elas relacionados. Fato este que fez da Liberdade o principal ponto de encontro para os fãs deste tipo de produção.

Tudo isso nos leva ao principal objetivo deste artigo. Aqui busco mostrar como este bairro pode ser pensado como uma *mancha* que, devido às características que lhe são peculiares, fizeram este lugar assumir um significado todo especial àqueles que se consideram, que se identificam como *otakus*. Ao longo do artigo, pensando nos conceitos de *mancha* e de *pedaço*, procuro refletir sobre como as marcas que distinguem o bairro estão diretamente associadas ao modo como estes atores sociais sentem-se quando caminham, fazem compras, marcam encontros, conversam... ou seja, quando interagem “na” e “com” a Liberdade.

Mas para que o leitor compreenda as ideias apresentadas, acredito ser necessário começar explicando alguns termos como *mangás*, *animes* e *otaku*.

Mangás e Animes

Mangás são um gênero de histórias em quadrinhos japonesas, cujo estilo – tanto no que diz respeito aos traços quanto ao enredo – difere bastante dos quadrinhos ocidentais. O termo “mangá” data do séc. XIX e foi cunhado por um famoso artista chamado Katsushita Hokusai (Gravett, 2006; Machado, 2009). Esta palavra é composta por dois kanjis (ideogramas): Man (involuntário, irresponsável) e Ga (desenho, imagem). Animes são desenhos animados japoneses que, em sua maioria, se tratam de versões animadas de mangás. “Anime” é uma

adaptação da palavra animation (animação em inglês) e por isso não é escrita em kanji, mas em katakana (fonogramas destinados à escrita de palavras estrangeiras).

No Japão os animes surgiram quase um século depois dos mangás. Porém no Brasil esta trajetória foi invertida, ou seja, aqui chegaram primeiro os animes. Nas décadas de 1960 e 70 foram adquiridas e exibidas séries como *A Princesa e o Cavaleiro*, *Astro Boy*, *Speed Racer*, entre outras.

O anime *Cavaleiros do Zodíaco* – que chegou ao Brasil em 1994 – contribuiu muito para que este universo ganhasse força. Em seguida vieram séries como *Shurato*, *Sailor Moon*, *Dragon Ball*, *Pokémon*, *Inuyasha*, *Samurai X*, que contribuíram para o aumento do reconhecimento desta arte em nosso país. Atualmente, os anime que mais fazem sucesso entre os jovens brasileiros são *Naruto* e *Bleach*. Foi o sucesso que todas estas séries tiveram que estimulou a importação e publicação dos mangás no Brasil.

É interessante destacar uma característica fundamental para a compreensão da relação que um *otaku* cria com este universo. Não devemos cair na ilusão de, por se tratarem de histórias em quadrinhos e desenhos animados, considerar os mangás e animes como simples estórias infantis. Não! É claro que existem aquelas voltadas para crianças, porém em sua maioria são estórias voltadas para jovens e adultos (muitos são proibidos para menores de idade).

Mangás e animes são produções que buscam incorporar elementos (palavras, roupas, tecnologias, descobertas científicas, ideias) que os jovens encontram em seu cotidiano. Muitas séries também se inspiram em mitos, tanto japoneses como de outros países (a série *Cavaleiros do Zodíaco*, por exemplo, usa muitos elementos da mitologia grega). Elas buscam se aproximar da realidade tanto no que diz respeito aos traços (o modo de desenhar) como também pelo fato de que os personagens destas séries possuem uma personalidade, uma história de vida, expressam ideias, sentimentos, emoções. As tramas narradas são como novelas, ou seja, não são episódios desconexos (como por exemplo *Popeye* ou *Tom & Jerry*), mas sim uma história contínua na qual pouco a pouco o espectador vai conhecendo cada vez mais sobre os personagens, fazendo com que este vá se aproximando, se afeiçoando, se *identificando* com certos personagens. Tal relação de identidade é justamente a principal característica que distingue uma pessoa que se considera um(a) *otaku*.

Quem são os *otaku*?

A primeira coisa a se destacar ao se falar sobre os *otaku* é: no Brasil este grupo se identifica por meio de uma palavra que em nosso país assumiu um sentido bem diferente daquele que possui em sua língua de origem, o japonês. “*Otaku*” é um termo que não possui uma tradução inteligível para o português. Literalmente, significa “seu lar”. No Japão este termo tem um sentido pejorativo, designando indivíduos que vivem enclausurados em suas casas, obcecados por seus hobbies. Não há informações precisas sobre quando e como este termo passou a ser usado no Brasil, porém o que se pode afirmar é que o modo como se vê um “*otaku*” é bem diferente nos dois países.

Segundo Barral (2000), no Japão o termo *otaku* foi usado pela primeira vez em 1983, por Nakamori Akio, para classificar um fenômeno que começava a surgir no Japão: jovens que possuíam hobbies exóticos e preferiam viver isolados em seus quartos, mantendo um “contato virtual” com a realidade. Só relacionavam-se com pessoas que compartilhavam seus hobbies.

Aqui no Brasil, a característica mais marcante dos *otakus* é a grande proximidade que estes sujeitos têm com o universo dos mangás e animes, além de outros elementos da cultura pop japonesa. Muitas vezes, é o interesse por tais produções que faz com que o indivíduo se interesse pelas músicas, culinária, e inclusive pelo idioma japonês. Dentre as várias peculiaridades que distinguem um *otaku*, podemos destacar duas delas: seu vínculo especial com o universo da ficção e um comportamento – que lhes é bem característico –, que apresenta quando está junto com sua “galera”.

O antropólogo André Luiz C. Lourenço, em sua tese de doutorado, *Otakus. – construção e representação de si entre aficionados por cultura pop nipônica*, nos mostra como os *otaku* – pessoas que, segundo ele, mais que meros consumidores, são aficionadas por cultura pop nipônica –, estabelecem com este universo uma relação que influi significativamente na maneira como eles dão sentido e se socializam no contexto social onde vivem. O autor demonstra como essa cultura é peça importante na construção e representação de sua identidade, tanto individual como social. Por exemplo, ao definir o que, no Brasil, significa ser um *otaku*, o autor escreve:

O termo passou a ser um nível dentro de uma escala de interesses, significando o aficionado com maior comprometimento com os bens da indústria cultural japonesa, sendo aquele que assiste diversos animês, está em todos os eventos,

etc. Como me disse uma das colegas no mundo anime: “Já fui mais *otaku*, hoje sou menos”. (LOURENÇO, 2009:55)

De um modo geral, pode-se dizer que o termo *otaku*, no Brasil, refere-se a pessoas que constroem uma forte relação com o universo da ficção e este vínculo as levam a criar uma relação entre si. Elas se comunicam e atuam com base em um repertório simbólico, oriundo do mundo dos mangás e animes, que adquire um novo significado a partir desta interação e do contexto sociocultural no qual se encontram.

Porém, tal repertório não é compartilhado por grande parte da população. Este fato, associado ao de que em nosso país animações são produções geralmente associadas a um público infantil, faz com que muitos *otakus*, seja na escola, no trabalho ou mesmo em casa, sejam incompreendidos e em alguns casos até mesmo discriminados. É comum ouvir depoimentos de pessoas que sentem que são vistos como “esquisitos” ou “infantis”. Este fator é de grande importância para que compreendamos a relação que este grupo foi estabelecendo com a região da Liberdade.

Liberdade: o Bairro Oriental

Entender como a imagem de “Bairro Oriental” foi, ao longo de décadas, sendo vinculada a este ponto da cidade, nos ajudará a entender a relação que os *otakus* têm com este espaço. Por isso, antes de prosseguir, farei um breve retrospecto da história da região.

Segundo Sachio Negawa (2000) esta “orientalidade” associada à região tem sua origem – aproximadamente – em 1912, quando imigrantes japoneses começaram a se concentrar na Rua Conde de Sarzedas. Desde então começaram a surgir no bairro as primeiras atividades ligadas à produção e comércio de produtos japoneses: por exemplo, havia uma casa onde eram fabricados manjús (um doce japonês) e outra em que se fabricava tofu (queijo de soja). O surgimento destas atividades na região estimulou a vinda de cada vez mais imigrantes japoneses, o que, por sua vez, estimulava o aparecimento de outros serviços, formando uma espécie de ciclo de crescimento. Para se ter ideia, em 1920 havia cerca de 300 japoneses residindo nessa rua.

Porém, a Rua Conde de Sarzedas estava situada em um local ruim, do ponto de vista geográfico. Tratava-se de uma ladeira muito íngreme, o que fazia com que, além de dificuldades de locomoção, os moradores enfrentassem sérios problemas relacionados a

enchentes. Isso fez com que a população de imigrantes se espalhasse pela região. Muitos foram para as proximidades da Praça da Liberdade.

O “ciclo de crescimento” citado acima se manteve ao longo das décadas seguintes. Na história do bairro, alguns eventos que merecem destaque são: a inauguração do Cine Niterói (um grande sala de projeção onde, semanalmente, eram exibidos filmes produzidos no Japão), em 1953 e a do prédio da Associação Cultural Japonesa de São Paulo (o Bunkyô), em 1964; o processo de decoração (a colocação de lanternas no estilo oriental), que ocorreu durante a década de 70; a Feira Oriental da Liberdade, que até hoje funciona nos fins de semana (a feira teve início em 1975).

Vejamos agora um trecho de *Imagem Urbana e Identidade Cultural: Expressões Midiáticas na Comunicação Bilíngue do Bairro da Liberdade*, texto escrito por Marco Souza:

o Bairro Oriental resulta, do mesmo modo, da atividade de seus habitantes e da maneira que eles o vivenciam e o conformam. É todo um jogo de forças e de contatos que permite infinitas possibilidades de esquematizações e de fragmentações (...). São condições que ficam totalmente claras ao se acompanhar uma descrição sensorial (com as regras gramaticais da época em que foi escrita) dessa área do Bairro da Liberdade.

(...) De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas, todos os sentidos. Não é somente a percepção, mas, todos os modos de relação do indivíduo com o mundo, relação que nunca é, exatamente, a mesma para cada indivíduo. Desse jeito, o espaço nunca é neutro, nunca é uma extensão inerte e vazia a ser preenchida e moldada, exclusivamente, pelos desígnios de algum plano urbanístico.

É uma situação que se distingue, com clareza, no caso específico do Bairro Oriental, no qual o espaço é também identificado através da própria identidade cultural de uma determinada população que o habita. Com isso, produz-se uma espécie de visibilidade que não deixa, unicamente, à vista uma identidade, mas, que, igualmente, cria identidades. Identidades que humanizam e relacionam o espaço através de laços de convivência e de sensações de pertencimento a um lugar próprio. Então, o espaço produzido pela ação humana supõe, justamente, um labor e um local que direcionam essa produção. Com isso, os usos aparecem, constantemente, relacionados à produção das formas espaciais. (SOUZA, 2008:06-07)

Tais palavras nos permitem entender melhor como foi sendo construída nesta região uma imagem que remete ao Oriente, ao mesmo tempo em que me permite passar à questão de como suas características levaram-na a ser considerada pelos *otakus* um ponto onde eles se sentem mais confortáveis para viver, para expor, para “curtir” seus gostos, paixões, seus modos de ver e agir.

Nas palavras acima, vimos como no Bairro Oriental entrecruzam-se modos de pensar e sentir, como este lugar se caracteriza por sabores, odores, temporalidades, estranhezas. Isso faz com que as percepções, práticas e usos ocorram num processo de trocas simbólicas entre o espaço e os atores. Processo este que permite à região assumir não uma, mas várias identidades.

Acima, quando falava sobre os *otakus*, destaquei o fato de que a relação que estes criam com os animes e mangás (produções japonesas) faz com que muitos acabem desenvolvendo um grande interesse, buscando conhecer cada vez mais, sobre a história, as musicas, a culinária, a língua, entre tantos outros conjuntos de símbolos associados ao Japão. Também vimos que a imagem de “Bairro Oriental” fez com que este seja atualmente o principal ponto onde são vendidos mangás, animes e artigos relacionados a este universo.

Pensar nestes dois fatores, em conjunto com o que acabamos de ver sobre o bairro da Liberdade, é importante para pensarmos nas perguntas que guiam este artigo: Por que esta região pode ser pensada como uma *mancha* e por que os *otakus* fizeram dela o seu *pedaço*?

Liberdade para ser um *otaku*

José Guilherme C. Magnani, ao falar sobre a prática etnográfica no contexto urbano, nos explica que, ao caminharmos pela cidade, podemos perceber um ritmo, padrões, uma certa ordem. Dessa forma, podemos perceber características que diferenciam uma determinada região e com isso recortar, definir um cenário. E, ao defini-lo, não devemos levar em conta somente os aspectos físicos do local, pensa-lo como algo já pronto, independente das práticas que lá ocorrem. É justamente o contrário: o autor escreve que devemos delimitar um cenário “a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação com a prática cotidiana daqueles que de uma forma ou outra usam o espaço: os atores.” (1996:37-38). Magnani também – em diversos artigos (1996, 2002, 2007) – propõe algumas categorias que nos permitem dar conta de analisar tais recortes. Dentre elas, *Pedaço* e *Mancha* são dois conceitos que terão destaque nesta análise.

Proponho pensarmos esta região como algo que chamo de “*mancha oriental*”. Para que entendamos este termo, convém ver primeiro algumas características que definem o conceito de *mancha*. Em *De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana*, Magnani escreve:

Existe uma forma de apropriação quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias

procedências e sem o estabelecimento de laços mais estreitos entre eles. São as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição seja por complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades. Já uma mancha caracterizada por atividades ligadas à saúde, por exemplo, geralmente se constitui em torno de uma instituição do tipo âncora – um hospital –, agrupando os mais variados serviços (farmácias, clínicas particulares, serviços radiológicos, laboratórios etc.), e assim por diante (MAGNANI, 2002:22).

Neste trecho está bem claro o que define uma mancha. E, como vimos, podem haver diversos tipos de *manchas*. Ao falar especificamente sobre a região da Liberdade proponho o termo *mancha oriental*, pois grande parte dos equipamentos existentes na região procuram incorporar – na aparência e/ou no serviço oferecido – elementos que remetam ao Oriente. Aliás, como foi diversas vezes destacado, é isto que tornou famosa esta região. Vejamos estas imagens:



A fachada do banco Bradesco, na foto da esquerda, e a loja de *futons* (cobertores mais grossos, fabricados no Japão), na foto da direita, são exemplos claros do que foi dito acima. Peço ao leitor que – caso conheça ou ao menos já tenha visitado a Liberdade – “viaje” comigo pelo trajeto que aqui vou expor.

Ao sairmos da estação da Liberdade (metrô), subindo as escadas, já estaremos na Praça da Liberdade. Nela, veremos o banco (o Bradesco) que aparece na foto acima além de uma livraria especializada em revistas e livros japoneses (a Livraria Sol), uma lojinha de presentes (importados da China ou do Japão) e um restaurante (por quilo) japonês.

De frente à livraria, se nos virarmos para a direita e caminharmos um pouco, já estaremos na Rua Galvão Bueno. Nesta rua existem três shoppings repletos de lojas especializadas em artigos chineses e/ou japoneses (destes três, o Sogo é aquele que mais possui artigos relacionados a mangás e animes e por isso é o mais visitado pelos *otakus*) e três grandes mercados – além de varias outras lojas – especializados em produtos japoneses, chineses e coreanos (os mais diversos, desde balas até panelas).

A Galvão Bueno é cortada pela Rua dos Estudantes – onde existem várias lojas como as descritas acima – e é paralela à Rua da Glória, onde também existem algumas lojas e há uma antiga livraria (também especializada em revistas e livros japoneses). Se descermos pela Galvão Bueno veremos que ela é cortada pela Rua Barão de Iguape, rua onde há restaurantes japoneses e chineses e uma Igreja Evangélica Chinesa.

Bem, acredito que não seja necessário descrever todo o bairro, nos mínimos detalhes, para que o leitor compreenda a ideia de “*mancha oriental*”. O “Bairro Oriental” é uma área bem delimitada por equipamentos, associados a duas atividades específicas – o consumo e o lazer –, que de alguma forma procuram trazer alguma imagem do Oriente. Passemos agora à questão de por que os *otakus* fizeram desta *mancha* seu *pedaço*.

Lilian de Lucca Torres, em *Programa de Paulista: lazer no bexiga e na avenida paulista com a rua da consolação*, escreve:

... o lazer, enquanto prática e sociabilidade, permite a criação de vínculos entre as pessoas, além de implicar determinadas formas de relação com os equipamentos e espaços urbanos.

‘Locais de lazer e entretenimento situados em regiões centrais da cidade caracterizam-se pela presença de vários grupos num mesmo território. Os diferentes usos do espaço expressam hábitos de consumo, gostos e valores particularizantes. A *mancha* de lazer, por ser uma área contígua com concentração de equipamentos, é recortada por *trajetos* internos, percorridos por atores sociais específicos, que interligam certos estabelecimentos e não outros. Cada grupo faz desses espaços o seu *pedaço*. (TORRES, 1996, pp.72-73)

É a existência de determinadas formas de relação com os equipamentos e espaços urbanos que nos permite analisar um espaço enquanto um *pedaço*. Ou seja, este conceito refere-se a locais onde determinados indivíduos ou grupos podem desenvolver determinadas práticas, o que faz com que possam interagir “no” local, entre si, e “com” o espaço. Finalmente, podemos pensar na questão: Qual é a relação que os *otakus* criaram – e ainda mantém – com a Liberdade?

Vejamos estas fotos:



Atentemos para alguns detalhes destas imagens. Por exemplo, na primeira foto reparemos na mochila do rapaz da esquerda, cheia de bottons (um acessório que serve de enfeite) – todos eles com uma estampa que remete a algum elemento de um mangá e/ou anime –, no chapéu usado pelo rapaz do meio e na toca da moça, que está segurando um yakissoba, comprado na Feira Oriental. Na segunda foto, atentemos para: a pose das moças, para o fato de que as duas da ponta estão usando perucas e também para os bottons na mochila daquela que está usando um acessório sobre sua peruca. Quanto aos rapazes desta foto, não é possível ver direito, mas o da ponta está vestindo uma camiseta que traz estampada a imagem de um personagem do anime *Bleach*.

Estas fotos explicam melhor do que palavras o que disse acima, ao falar sobre os *otakus*, sobre aquilo que chamo de “vínculo especial” que estes criam com o universo dos mangás e animes (entre outros elementos da cultura pop japonesa). Por meio delas, também podemos entender melhor o que quis dizer ao escrever que eles apresentam um certo comportamento – que lhes é bem característico –, quando estão com sua “galera”.

Quando falei sobre eles, também destaquei que, apesar da considerável popularidade que vêm ganhando, principalmente por meio da internet, os mangás e animes ainda são produções desconhecidas por boa parte da população. Isso faz com que muitos *otakus*, seja na escola, no trabalho ou mesmo em casa, sejam obrigados a ouvir certas frases como “Vê se cresce!”, “Você ainda gosta de desenhos?”, “Que música estranha você tá ouvindo!”.

Em conversas que tive com pessoas que se consideram *otakus*, ao perguntar se o bairro da Liberdade (ou a “Liba”, como muitos preferem chamar a região), é um ponto da cidade de São Paulo onde costumam ir, quase todos (entre os que moram em São Paulo) responderam que sim. Porque lá encontram objetos, músicas e comidas ligados ao Japão, além de pessoas que compartilham seus gostos e suas ideias. A grande maioria respondeu ir à região para passear, fazer compras, se encontrar com amigos e afirmaram gostar da “Liba”, por ser um local onde se sentem mais a vontade para falar, para expor, para viver seus gostos pessoais. Afirmam que o fato desta ser uma região ligada à cultura oriental faz com que ela, principalmente nos fins de semana, esteja cheia de apreciadores desta cultura (entre estes estão os *otakus*). Isso, por sua vez, faz com que se sintam mais “livres” para falar e agir da maneira como bem entendem.

Vejamos alguns depoimentos:

Muitos otakus gostam de se encontrar ali, pois acham um local mais propício para poder falar sobre assuntos de otaku e afins sem ser julgado. Sem contar, que lá sempre é o local alvo das visitas das caravanas para eventos de anime, então se o povo sai com o cosplay ali, ninguém vai ficar olhando e apontando para dizer "olha o esquisito!".

Aline (ou “Yoline”), 22 anos

Creio que assim como em Tóquio existe um bairro onde os otakus se reúnem, trabalham e convivem a caráter com suas roupas, na Liberdade é a mesma coisa, nós nos sentimos a vontade lá, compreendidos, respeitados, inclusive o dia do cosplay foi comemorado lá.

Antonio, 50 anos

Aqui tem pessoas que dividem (compartilham) um mesmo interesse, por isso ela mostra mais o que ela é. Por exemplo, minha escola é escola de ‘riquinho’... as pessoas têm meio que preconceito. Aqui as pessoas podem se vestir como querem, fazer brincadeiras que os outros entendem.

Yuki, 13 anos

Na introdução de *Jovens na Metrópole*, ao falar sobre o conceito de *pedaço*, Magnani o define como locais, contextos sociais, onde percebe-se “uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.” (MAGNANI, 2007, p.20). E justamente: no bairro da Liberdade, na “Liba”, entre os *otakus* fica clara esta sociabilidade mais densa, significativa. Vimos como este é um dos aspectos mais ressaltados nos depoimentos. Aline diz que muitos *otakus* “acham (a Liberdade) um local mais propício para poder falar sobre assuntos de *otaku* e afins sem ser julgado”; Antonio, nos lembra a comemoração do dia do cosplay (esta palavra se refere à prática de se vestir como um personagem); Yuki diz se sentir feliz por poder “fazer

brincadeiras que os outros entendem”. Tudo isso nos faz lembrar, mais uma vez, do exemplo das piscadelas utilizado por Geertz. Tomar como “normais” certos assuntos; entender o que um certo modo de se vestir está transmitindo; entender uma piada. Todas estas atitudes exigem um certo repertório simbólico que não basta ser entendido por um único indivíduo. Ora, é preciso que este seja compartilhado.

O sentimento de NÃO ser visto como um “esquisito” nos diz muita coisa.

Conclusão

Os indivíduos concretos, em suas biografias, interpretam, mudam e criam símbolos e significados, evidentemente vinculados a uma herança, a um sistema de crenças. Com isso recupera-se a ideia de que os indivíduos também desempenham o papel de agentes na transformação e mudança da cultura e da sociedade e não são meros joguetes de forças impessoais. O fato de que as pessoas nascem dentro de um sistema sociocultural já dado não quer dizer que este sistema não esteja sempre se fazendo através das biografias individuais. Não é necessário ter consciência e percepção do sistema enquanto totalidade (problemática) para influenciá-lo através de ações e interpretações em que os símbolos são manipulados e transformados diante de circunstâncias e situações novas. Embora um indivíduo sozinho não invente uma cultura, é através das interações dos indivíduos desempenhando e reinventando papéis sociais que a história se desenrola. Entendendo-se a cultura como um código, como um sistema de comunicação, percebe-se o seu caráter dinâmico ao produzir interpretações, significados, símbolos diante de uma realidade permanentemente em mudança (Velho e Castro, 1978).

Símbolos, interpretações, significados estão em constante transformação. Porém um novo símbolo (para usar uma só palavra) só adquire importância se puder ser compartilhado por outros. Outros símbolos e outros atores.

Essa ideia ilustra o que procurei mostrar durante todo este artigo: pensando no bairro da Liberdade como um *cenário* (na definição de Magnani), ou seja, pensando não apenas na presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas que caracterizam a região, mas em como esses elementos mantêm uma certa relação com a prática daqueles que de uma forma ou outra usam o espaço (os atores, mais especificamente os *otakus*), me propus a entender quais seriam os fatores que ligavam os *otakus* a este ponto da cidade.

Os conceitos de *mancha* e de *pedaço* permitiram articular toda esta argumentação. Por meio deles foi possível traçar um quadro analítico que permitiu definir os limites e características da região e também expressar as relações que estes mantêm com os atores sociais.

Não são apenas os equipamentos que criam este ambiente. Porém, se estes não estivessem presentes, é bem provável que não atrairiam a quantidade de *otakus* à região. Ou seja, como foi dito na introdução deste artigo, é a interação entre uma série de fatores que faz com que a Liberdade seja um local onde cada *otaku* consiga desenvolver uma série de relações – não só entre as pessoas, mas com o próprio espaço – que fazem considerar este, o seu *pedaço*. Na “Liba” é possível encontrar todo um contexto simbólico que os permite se sentir num ambiente onde podem falar sobre certos assuntos, onde podem vestir certas roupas, onde certas brincadeiras são entendidas.

Referências Bibliográficas

- BARRAL, Étienne. **Otakus: Os Filhos do Virtual**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. “O Uso da Imagem na Antropologia”. In: SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico**. 2ª edição. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.
- _____. “Imagem, Magia e Imaginação: desafios ao texto antropológico”. **Mana**, Rio de Janeiro, vol. 14, n.2, 2008.
- FRÚGOLI JR., Heitor. **São Paulo: espaços públicos e interação social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- FURUYAMA, Gustavo. **Mangá e a Transmissão da Cultura: o exemplo de Rurouni Kenshin**. Tese de mestrado. Universidade de São Paulo, 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- _____. **O Saber Local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GRAVETT, Paul. **Mangá: Como o Japão Reinventou os Quadrinhos**. São Paulo: Conrad, 2006.
- LOURENÇO, André Luiz C. **Otakus. Construção e representação de si entre aficionados por cultura pop nipônica**. Tese de doutorado. UFRJ, 2009.
- LUYTEN, Sonia B. **Cultura Pop Japonesa – Mangá e Anime**. São Paulo: Hedra, 2005.
- MACHADO, Carlos A. **Processos Sócio-educativos dos Animeencontros: a relação de jovens brasileiros com elementos da cultura midiática japonesa**. Tese de doutorado. PUC – RJ, 2009.

MAGNANI, José G. C. “Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole”. In: MAGNANI, J. G. C. e TORRES, L. L. (Orgs.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. “De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, 2002.

MAGNANI, José G. C. e SOUZA, Bruna M. (Orgs.). **Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MOLINÉ, Alfons. **O Grande Livro dos Mangás**. São Paulo: JBC, 2004.

NAPIER, Susan. **Anime: from Akira to Howl’s Moving Castle**. New York: Palgrave, 2001.

NEGAWA, Sachio. **Formação e Transformação do Bairro Oriental: um aspecto da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000**. Tese de mestrado. Universidade de São Paulo, 2000.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, O. (org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SCHMAEDECKE, Jônia L. C. **O Desenho Animado na TV: uma análise do anime Pokémon**. Tese de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais aplicadas da Universidade Tuiuti do Paraná, 2002.

SOUZA, Marco. Imagem Urbana e Identidade Cultural: expressões midiáticas na comunicação bilíngue do bairro da Liberdade. Disponível em <http://estudosjaponeses.com.br>. Acesso em 25/06/2012.

TORRES, Lilian L. “Programa de Paulista: lazer no bexiga e na avenida paulista com a rua da consolação”. In: MAGNANI, J. G. C. e TORRES, L. L. (Orgs.): **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996.

VELHO, Gilberto e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O Conceito de Cultura nas Sociedades Complexas: Uma Perspectiva Antropológica”. In: **Artefato**. Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1978.